



Editorial

Este número da *Revista de Psicanálise da SPPA* foi se constituindo quase por acaso, em um amplo debate sobre as interações entre o intrapsíquico e o social. Nele se destacam as ações da realidade externa sobre o psiquismo humano. Podemos acompanhar nos textos a seguir que essa interação influencia a técnica psicanalítica e as comunicações científicas que, por sua vez, influenciam fenômenos do mundo social.

O *acaso* desse debate só não é total porque os psicanalistas cada vez mais retomam o interesse por entender, através das situações traumáticas, aspectos da constituição e transformações do mundo psíquico sob a força coerciva do mundo externo. As situações traumáticas e o cotidiano da violência retomam, pois, um lugar presente no entendimento do desenvolvimento psíquico, ora como fator agudo, ora como pano de fundo sobre o qual as experiências vitais do sujeito necessitam ser re-significadas e elaboradas. O traumático penetra nos consultórios dos psicanalistas sob muitas formas cujas manifestações se impõem ao trabalho da clínica. Mais além da clínica, a psicanálise, por seu corpo de conhecimento aprimorado ao longo dos anos, é convocada para instrumentar a compreensão, ainda que parcial, dos complexos fenômenos do trauma e da violência humanas.

Fruto do Simpósio da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre sobre trauma e violência, publicamos três textos apresentados naquele evento. Em *A violência de Deus*, Sérgio Paulo Rouanet aborda o fundamentalismo religioso como resultante de uma reação diferida ao trauma coletivo conseqüente à transição do homem moderno para o contemporâneo. Em *Destruição da cultura, destruição de significados e representações*, Leopoldo Nosek destaca que a cultura tem para a coletividade a mesma função que o sonho para o indivíduo, isto é, fornecer significados e sentidos que permitem o povoamento do mundo interno dos sujeitos e a constituição da subjetividade, já que as mudanças propiciadas pela pós-modernidade, rompendo essa barreira de contato cultural, também destroem significados e sentidos. Carlos Gari Faria, em *Uma breve introdução à discussão sobre trauma*, por meio de dois exemplos clínicos e do filme *Má educação*, de Almodóvar, refere a falha na função objetivante ou na capacidade de criar representações, resultante da perda da função integradora da pulsão de vida. Como conseqüência, o ego desfigura-se em objeto submetido a uma tendência ao desligamento, e se desfaz a existência do objeto como outro, passando a mero alvo da agressão.

Continuando a mesma temática, André Green questiona, em *O intrapsíquico e o intersubjetivo: pulsões e/ou relações de objeto*, a divisão nos conceitos de

intraprésiquico e intersubjetivo pelos grupos teóricos na psicanálise da atualidade e demonstra que esses conceitos se encontram imbricados na metapsicologia. Ressalta a importância do corpo e da cultura para a formação e funcionamento do psiquismo.

Que lugar ocupa a linguagem na sublimação? E como a sublimação se torna intrínseca e inevitavelmente cultural, sendo portadora de criatividade? Este é o tema abordado por Julia Kristeva em *Sublimação e cultura: o impudor de enunciar e a língua materna*.

Se essas questões amplas sobre o interno e o cultural já inquietam os analistas de adultos, em *Contribuições à compreensão da experiência puberal*, Asbed Aryan dimensiona a temática do corpo e da cultura na constituição psíquica dos púberes. Afirma que o processo de puberdade e adolescência é profundamente intersubjetivo. A perda do corpo infantil no púbere é o aspecto mais traumático da reativação narcisista durante a segunda elaboração do complexo de Édipo. O púbere necessita, além disso, encontrar-se com o novo corpo para poder entrar na adolescência, o que provoca, pela divergência entre a tarefa de luto pelo corpo infantil e a apropriação de seu novo corpo, estados confusionais e caóticos.

Os aspectos do adolescente na interação terapêutica são destacados por Luis Correa Aydo em *Técnica de trabalho clínico com adolescentes: entre a ação e a palavra* e por Ingeborg Bornholdt em *Sobre a atitude analítica na psicanálise de adolescentes*. Os autores destacam a importância da flexibilidade técnica do analista para ser continente frente aos intensos e fluídos movimentos regressivos e progressivos dos adolescentes. A tendência ao *acting*, a forma particular do pensamento adolescente e suas especificidades comunicativas somam-se à assimetria generacional com o analista, tornando seu trabalho mais complexo. A turbulência emocional e as situações disruptivas podem acioná-lo defensivamente para comunicar-se também através do agir. Dos riscos inerentes a essa interação analista e adolescente em tratamento, decorre a necessidade de uma técnica mais elástica que a clássica, porém como um objeto confiável, que não se altere com as projeções de aspectos idealizados, denegridos, escamoteados ou erotizados. A integridade psicanalítica é necessária como objeto para ser introjetado pelo adolescente rumo ao seu desenvolvimento saudável.

A interação intraprésiquico/social também apresenta sua face de influências pela via que vai da intimidade sigilosa do consultório psicanalítico à sua repercussão no mundo social, através de ações tanto no campo científico quanto nos costumes. Sabemos hoje a que ponto a divulgação da obra de Freud agiu sobre a cultura e a ciência atuais. Um dos importantes temas da psicanálise, posto como reflexão aberta na comunidade científica, refere-se, portanto, à publicação de casos clíni-



cos em revistas especializadas e de acesso público. Publicá-los ou não? *Acting out* do analista ou generosidade científica? Qual a dimensão de prejuízo ao paciente? Qual o limite dos disfarces para a pessoa não ser identificada pelos leitores? Solicitar autorização é adequado? Ou se trata de uma invasão destrutiva do processo natural? A discussão meramente formal tem sido insuficiente para esclarecer essas questões. Nesse sentido, Christiane Albuquerque de Miranda aborda, em *A construção do caso em psicanálise: o caso como construção psicanalítica*, uma visão da clínica pelo conhecimento do analista a ser validada pela comunidade científica. O caso em psicanálise tem como destino sua publicação (tornar-se público), diferentemente da identidade do analisante, que deve ser preservada cuidadosamente. Trata-se de um texto importante para nossa argumentação quanto ao sigilo do psicanalista e à necessidade de divulgação para o desenvolvimento da ciência psicanalítica.

Na seção Psicanálise e cultura, podemos apreciar o encontro da cultura com a psicanálise, que enriquece ambos os campos. Paulo Henrique Favalli apresenta, em *A casa tomada de Julio Cortázar*, uma visão interessante da ação da pulsão de morte no conhecido conto do autor argentino.

Encerramos este número com a *Entrevista com Leopoldo Nosek*, psicanalista renomado e que, recentemente, assumiu a editoria da *Revista Brasileira de Psicanálise*, publicação da Associação Brasileira de Psicanálise, que agrega nossa comunidade científica. Nosek atualiza, numa conversa agradável, sua visão da psicanálise, da clínica, da sociedade atual e discorre sobre como compor uma revista psicanalítica de leitura estimulante.

Concluindo, quero, em nome de todos os participantes da *Revista*, prestar nossos profundos agradecimentos à querida secretária Irma Angela Manassero, que, desde o início de nossa publicação maior, há onze anos, tem demonstrado incansável dedicação e inestimável calor humano. Dona Irma, após cerca de quatro décadas de atividades em nossa sociedade, deixa-nos para dedicar-se ao neto que está chegando. Fica em nós a admiração de vê-la com seus oitenta e três anos de vida, ativa, entusiasta e sempre em busca do aprendizado de novidades. Encerra suas atividades profissionais com o sentimento do dever plenamente cumprido e com o louvor de todos com quem conviveu.

César Luís de Souza Brito

Editor da *Revista de Psicanálise* da SPPA





Atenção
a página **10** é branca

